

**ABORDAGENS
TEÓRICAS
E PRÁTICAS
EM PESQUISA**

COORDENADORES

Patricia Biegging

Raul Inácio Busaello

ISBN 978-85-7221-365-3

2025

César Nardelli Cambraia

***A PEREGRINAÇÃO
DE FERNÃO MENDES PINTO
COMO TESTEMUNHO LINGUÍSTICO
DO PORTUGUÊS CLÁSSICO***

RESUMO

A *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto (ca. 1510-1583) é um texto narrativo em prosa composto no terceiro quartel do séc. XVI e publicado postumamente pela primeira vez em 1614. Para evidenciar suas possibilidades como testemunho linguístico, analisa-se a obra tomando como referência as especificidades sócio-históricas que se verificam em relação à época do português clássico apuradas na literatura especializada, a saber: enriquecimento lexical, disciplina gramatical, emulação com o castelhano, expansão da língua, entrada do português na galáxia de Gutenberg, desenvolvimento da língua literária, padronização progressiva da língua portuguesa, produção do texto escrito, recepção do texto escrito, alargamento do campo literário e figura do autor.

Palavras-chave: Linguística Histórica; Língua Portuguesa; Fernão Mendes Pinto.

INTRODUÇÃO¹

Os estudos de linguística histórica se baseiam fundamentalmente na análise da manifestação linguística escrita remanescente. Há naturalmente formas complementares de se abordar a questão da mudança linguística, como por meio da comparação da manifestação linguística (oral ou escrita) sincrônica contemporânea de pessoas de diferentes faixas etárias, segundo a metodologia do estudo da mudança no *tempo aparente* da sociolinguística laboviana, ou ainda da comparação de manifestação linguística oral de diferentes sincronias, já que a técnica de registro da voz remonta a meados do século XIX. Entretanto, essas formas complementares são a exceção, e não a norma. Então o estudioso da mudança linguística deve inexoravelmente enfrentar os desafios que a adoção de documentação escrita com fonte de dados linguísticos coloca.

Para o estudo do português clássico, há uma obra notável: a *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto. Na presente exposição pretende-se enquadrar essa obra no contexto sócio-histórico do período clássico da história da língua portuguesa, dando a conhecer de que forma essa fonte de dados pode contribuir para o seu conhecimento.

PERIODIZAÇÕES DA HISTÓRIA DA LÍNGUA E DA LITERATURA PORTUGUESA

Embora a periodização da história da língua portuguesa já tenha sido objeto de diferentes propostas (Bechara, 1985), a primeira

¹ Conferência ministrada em evento temático homônimo realizado na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo no dia 8 de abril de 2025, como parte das atividades de Estágio de Pós-Doutoramento sob a supervisão da profa. dra. Ieda Maria Alves.

a incluir o período clássico como recorte específico parece ter sido a de Cuesta e Luz (1980, p. 173-174), com a seguinte divisão:

- (a) *período galaico-português* (de fins do séc. XII² a 1350 aproximadamente);
- (b) *período pré-clássico* (de 1350³ a 1540);
- (c) *período clássico* (de 1540⁴ a meados do séc. XVIII); e
- (d) *período moderno* (de meados do séc. XVIII⁵ aos nossos dias).

A adoção do adjetivo *clássico* para denominação de um período da história da língua portuguesa e da língua dessa época parece ser uma extensão de seu emprego na divisão da história da literatura em estilos de época. Moisés (1973), p. ex., dividiu a história da literatura portuguesa em: *trovadorismo* (1198-1418), *humanismo* (1418-1527), *classicismo* (1527-1580), *barroco* (1580-1756), *arcadismo* (1756-1825), *romantismo* (1825-1865), *realismo* (1865-1890), *simbolismo* (1890-1915) e *modernismo* (1915 à atualidade).

Vê-se, portanto, que o período *clássico* da história da língua portuguesa de Cuesta e Luz (1980), de 1540 a meados do séc.

2 Esta data tem como referência uma cantiga de maldizer de João Soares de Paiva que dataria de 1196 (Cuesta; Luz, 1980, p. 173), Mas hoje pode-se considerar a chamada *Notícia de Fiadores*, datada de 1175 (ANTT, Ordem de São Bento, Mosteiro de São Cristóvão de Rio Tinto, mc, 2, doc. 10).

3 Esta data tem como referência o testamento de Pedro Afonso (1287-1354), Conde de Barcelos e filho de D. Dinis, o qual foi lavrado em 30 de março de 1350 e marcaria o encerramento da escola lírica galaico-portuguesa. As mesmas autoras, no entanto, consideram que seria mais adequado considerar o ano de 1385, que é data de Batalha de Aljubarrota, com que Portugal firma sua independência frente a Castela (Cuesta; Luz, 1980, p. 185-186). O período pré-clássico corresponde em grande parte ao da Dinastia de Avis, que começa com D. João I em 1385 e termina com D. Henrique em 1580.

4 Esta data tem como referência a publicação da *Gramática da Língua Portuguesa* de João de Barros (1496-1570) (Cuesta; Luz, 1980, p. 186).

5 Esta data tem como referência o início da ditadura do Marquês de Pombal (1699-1782) (Cuesta; Luz, 1980, p. 190); supõe-se que as autoras tenham tomado como baliza a data de 1756, quando Pombal foi nomeado Secretário do Reino por D. José I.

XVIII, corresponderia aproximadamente aos períodos do *classicismo* e do *barroco* da história da literatura portuguesa de Moisés (1973), de 1527 a 1756⁶.

A PEREGRINAÇÃO NO CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO DO PORTUGUÊS CLÁSSICO

A *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto (ca. 1510-1583) consiste em um texto narrativo em prosa publicado pela primeira vez, já postumamente, em 1614. O texto se compõe de 226 capítulos e narra as viagens do autor entre Portugal e o Oriente entre 1537 e 1558. Muito já se escreveu sobre a obra sob as mais diferentes perspectivas (literária, histórica, geográfica, etc.) e, modernamente, considera-se que se trata de uma narração que relata eventos reais mesclados com fictícios.

Diferentes estudiosos já chamaram a atenção para as especificidades sócio-históricas que se verificam em relação à época do português clássico (Spina, 1987, p. 8-38; Castro, 1996, p. 135-150; Mattos e Silva, 2001, p. 33-47). Discutem-se a seguir essas especificidades tomando como referência a *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto.

Spina (1987, p. 8) assinala quatro características do português do período entre a 2ª met. do séc. XVI e o séc. XVII: (a) *enriquecimento lexical*, (b) *disciplina gramatical*, (c) *emulação com o castelhano* e (d) *expansão da língua*.

O enriquecimento lexical da língua portuguesa no período em questão tem como uma das principais motivações o contato dos

6 Estas datas se referem respectivamente ao retorno de Sá de Miranda da Itália e à fundação da Arcádia Lusitana.

portugueses com novas culturas e novas línguas a partir da época das grandes navegações. Como tinham assinalado Cuesta e Luz (1980), a língua portuguesa se tornou um *idioma internacional*:

Outras obras em prosa [*em relação às de João de Barros*], como as de Damião de Góis, a *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto, a *História Trágico-Marítima* ou a *Etiópia Oriental* de Frei João dos Santos, contribuíram para enriquecer o vocabulário literário português com numerosos termos asiáticos, africanos ou americanos (...) (Cuesta; Luz, 1980, p. 196)

Quanto a este aspecto, a *Peregrinação* é uma fonte riquíssima de dados linguísticos, mas especificamente em relação às palavras de origem africana e asiática. Essas palavras se distribuem em diferentes campos semânticos, refletindo o contato com os mais variados povos, costumes e objetos. Um domínio especialmente interessante é o dos gentílicos, por duas razões. Primeiramente, porque há uma grande quantidade de nações a cujos membros se teve de fazer referência, como se vê, p. ex., na longa lista na passagem abaixo:

[...] & esta rua tomava desda porta da cidade até a sua tenda que seria distancia de dous terços de legoa, na qual rua estauão trinta & seys mil estrangeyros, de quarenta & duas nações, em que auia *Portugueses, Gregos, Venezanos, Turcos, Ianiçaros, Iudeus, Armenios, Tartaros, Mogores, Abexins, Raizbuto, Nobins, Coraçones, Persas, Tuparaas, Gizares, Tanocos da Arabia Felix, Malauares, laos, Achês, Moês, Siames, Lusoês da ilha Borneo, Chacomaas, Arracoês, Predins, Papuaas, Selebres, Mindanaos, Pegùs, Bramâs, Chaloês, laquesaloês, Sauadis, Tãgus, Calaminhãs, Chaleus, Andamoens, Bengalas, Guzarates, Andraguirees, Menancabos, & outros muytos mais a que não soube os nomes.* (Pinto, 1614, cap. 149, f. 183rb-183va, itálicos nossos)

Em segundo lugar, porque o processo de integração desses gentílicos refletia o desafio linguístico de converter palavras estrangeiras em palavras portuguesas: muitos desses gentílicos vieram a

sofrer mudanças no curso do tempo. Dois casos interessantes são os relacionados à China e ao Japão:

[...] encontramos hũ junco de Patane que vinha dos Lequios, o qual era de hum *cossayro Chim* que se chamaua Quiay Panjão muyto amigo da nação Portuguesa [...] (Pinto, 1614, cap. 56, f. 60va, itálicos nossos) [hoje, *corsário chinês*]

[...] rogou a hũa *molher China* Christam que ahy leuaua o Piloto, que os agasalhasse [...] (Pinto, 1614, cap. 63, f. 69rb, itálicos nossos) [hoje, *mulher chinesa*]

[...] como adiante se verá por este *homem lapaõ*, cujo nome era Angiroo. (Pinto, 1614, cap. 202, f. 262vb, itálicos nossos) [hoje, *homem japonês*]

[...] esta *nação lapaõ* he a mais sojeita á razão que todos os outros Gentios daquellas partes [...] (Pinto, 1614, cap. 212, f. 281va, itálicos nossos) [hoje, *nação japonesa*]

Mas não se pode esquecer que, naquela época, por influência do Renascimento, houve grande valorização da cultura greco-latina da antiguidade clássica, fato que repercutiu na latinização da língua portuguesa. Essa latinização, que já tinha começado mesmo na Idade Média, através da elaboração da língua portuguesa no processo tradutório de textos latinos, acentua-se no Renascimento.

A *Peregrinação*, bem diferentemente d'*Os Lusíadas*, ambas as obras produzidas essencialmente na mesma época, é mais modesta neste quesito. Por um lado, encontram-se manifestações de latinismos na *Peregrinação*, como a presença de formas cultas sintéticas em *-íssimo* ao lado das vernaculares analíticas correlatas com *muito* (embora não pareçam ser sinônimas):

[...] não achamos nem vimos lugar nenhum que fosse notauel, senão sómente aldeas pequenas de casas de palha, pouoadas de gente *pobrissima* [...] (Pinto, 1614, cap. 158, f. 194vb, itálicos nossos)

[...] ate hũa aldea que está junto da barra, que terá obra de quinze ou vinte casas de palha, & de gente *muyto pobre* [...] (Pinto, 1614, cap. 23, f. 23vb, itálicos nossos)

Por outro lado, os latinismos na *Peregrinação* não são tão abundantes e peculiares como os que se encontram n'*Os Lusíadas*, como no caso de *eburneo*, noção expressa na *Peregrinação* de forma analítica com *de marfim*:

[...] Manda trazer o arco *eburneo* rico, Onde as setas de ponta de ouro embebe: [...] (Camões, 1572, f. 151v, c. IX, estr. 43, v. 3-4, itálicos nossos)

[...] tinha na mão hũa vara *de marfim* muyto alua a maneyra de cetro [...] (Pinto, 1614, cap. 103, f. 119rb, itálicos nossos)

Pode-se dizer, portanto, que, no que tange à latinização da língua portuguesa acentuada no período clássico, a *Peregrinação* reflete esse processo em menor intensidade.

O tema da disciplina gramatical se refere à questão da gramatização da língua portuguesa nos termos de Auroux (1992), ou seja, sua codificação e sua normatização através de obras gramaticais e lexicográficas. É no início do período clássico que despontam a *Gramática da Linguagem Portuguesa* de Fernão de Oliveira em 1536 e a *Gramática da Língua Portuguesa* de João de Barros em 1540, data esta, a propósito, que Cuesta e Luz (1980) tomaram como baliza para o início do referido período. Segundo o juízo de Bechara (1985), as obras metalinguísticas de então não teriam tido impacto significativo sobre a produção escrita da época:

a verdade é que os escritores quinhentistas e seiscentistas não encontraram nas gramáticas, dicionários e obras de natureza filológica a regra e compasso que justificassem o progresso, o apuro e o senso estético postos em prática para que a língua atingisse, em verso, o plano extraordinário a que chegou com a produção poética de Camões, no último quartel do século XVI, e a harmonia da prosa de

um Frei Luís de Sousa, na passagem do XVI para o XVII, ou de um Vieira, nesse último século. (Bechara, 1985, p. 52)

No que se refere à *Peregrinação*, confirmam essa interpretação casos que a descrição/prescrição de Barros simplesmente não é seguida, como é o da colocação de pronomes:

[...] o pronome sempre se põem de tras do nome: ca dizemos, *eu loane, tu António, esse Ierónimo*, e nã ao cõtrairo [...] (Barros, 1540, f. 31r7-9, itálicos nossos)

[...] & lhe disseraõ mais que eramos nos gente sem *temor nenhum da justiça de Deos*. (Pinto, 1614, cap. 221, f. 296ra, itálicos nossos)

Barros afirma que pronome deve ser colocado apenas antes do nome, mas Pinto coloca o pronome *nenhum* depois do nome em certos casos.

No entanto, há algo de mais interessante em relação a este aspecto: a gramatização **nã** terá influenciado de forma relevante a obra de Fernão Mendes Pinto, mas justamente o contrário ocorreu, ou seja, a obra de Fernão Mendes Pinto influenciou a gramatização. São abundantes as atestações de trabalhos metalinguísticos que adotaram a obra de Pinto como referência para descrição/prescrição linguística (Cabraia, 2023b). De obras lexicográficas, pode-se citar o *Novo Dicionário da Língua Portuguesa* (1913) de Cândido Figueiredo, no qual foi possível localizar referência à obra de Pinto em 236 verbetes, como os dois abaixo, a que se apôs *aqui*-a abonação correspondente:

Merchante, *m. Ant.* Aquelle que vende carne no açougue; marchante. Cf. Fern. Mendes Pinto, *Peregr.*, CVII. (Provavelmente, do lat. *mercans*). (Figueiredo, 1913, p. 145)

E alem do peso que tem cada *merchante* por onde pesa, estão mais a cada porta outras balanças da cidade em que se torna a repesar [...] (Pinto, 1614, cap. 107, f. 126rb, itálicos nossos)

Nivator, m. Espécie de faisão da Índia. Cp. *Peregrinação*, LXXXIII. (Figueiredo, 1913, p. 234)

[...] trazia duas lebres, & outros cinco *niuatores*, que são a modo de faisões [...] (Pinto, 1614, cap. 83, f92rb-92va, itálicos nossos)

De obra gramatical, pode-se citar como exemplo a *Moderna Gramática Portuguesa* (2019) de Evanildo Bechara:

Voltando ao emprego do relativo, não pertence à boa norma da língua repetir sob forma pronominal a função sintática já desempenhada pelo relativo. São escassos os exemplos como os seguintes:

O caminho *que* o percorri era muito estreito.

Não ocorrerá este pleonasma vicioso se o segundo pronome estiver relacionado com outro verbo do período, como neste exemplo de Fernão Mendes Pinto:

Tivera um filho, o qual legitimara, e o fizera herdeiro do reino (*Peregrinação*, II, 902)

Vê-se, pelo excerto da *Peregrinação* apresentado por Bechara, uma documentação da existência da relativização com pronome cópia já no séc. XVI, algo bastante comum no português do Brasil atual.

A questão da *emulação com o castelhano* se refere à grande influência que a cultura e a língua espanhola exerceram sobre a cultura e a língua portuguesa. Por um lado, o período do português clássico coincide, em sua parte inicial, com o da *União Ibérica* (1580-1640), mas Cuesta e Luz (1980, p. 193) consideram que a influência se deve menos aos sessenta anos de anexação e mais à atração que a literatura, a arte e a forma de vida espanholas exerceram sobre Portugal. Trata-se, afinal, do chamado *Siglo de Oro* espanhol, que vai de 1492, data do fim da Guerra da Reconquista, do descobrimento

da América e da publicação da *Gramática Castellana* de Antonio de Nebrija, até 1681, data da morte de Calderón de la Barca.

Neste contexto, a *Peregrinação*, com sua linguagem de cunho mais popular e falado, parece representar um estágio anterior a toda essa influência sobre a língua portuguesa, que muito provavelmente terá se difundido da nobreza (cujo contato com a corte e com a literatura espanhola deveria ser mais comum) para as classes populares (Cuesta, 1988). Deve-se reconhecer, a propósito, que é bastante difícil comprovar a influência espanhola sobre a língua portuguesa em todos os níveis linguísticos com a mesma segurança. Assim, enquanto, no léxico, os espanholismos costumam deixar evidências razoáveis, em função de traços evolutivos peculiares (cf., p. ex., o resultado de *pl-* inicial latino no port. *lhano* < esp. *llano* < lat. *planu-*), já na morfologia, na sintaxe e na semântica, a questão é bem mais complexa, por se tratar de línguas ibero-românicas, as quais compartilharam de diversos fenômenos históricos no curso de sua formação (como a ausência do sistema bicasual arcaico do domínio galo-românico). Mesmo o recurso à anterioridade temporal como critério de diferenciação (Bartoli, 2024, p. 50) é bastante problemático, porque a mudança linguística está sujeita a ação de fatores diversos que modulam a velocidade da implementação de uma inovação (cf., p. ex., a iodização de palatal lateral, fenômeno românico que se manifestou bem mais cedo no francês que no português). Sendo assim, este tópico deverá ser deixado em aberto em relação à *Peregrinação*, mas podem-se assinalar a presença da forma *castelhana* (esp. *castellano*) no lugar de *castelão* e a ausência de *cavalheiro* (esp. *caballero*) como alótopo de *cavaleiro* nessa obra: como se vê, nestes dois casos, o critério para sustentar a origem hispânica das formas portuguesas *castelhana* e *cavalheiro* está na presença do resultado *-lh-* para a fonte latina *-ll-*.

A questão da *expansão da língua* tem naturalmente afinidade com a do enriquecimento lexical (com empréstimos oriundos de outras línguas), mas também se refere ao fato de populações

aloglotas terem adotado a língua portuguesa, seja apenas como segunda língua em um primeiro momento, seja mesmo como a própria primeira língua em um segundo momento.

Esta questão emerge na *Peregrinação*, uma vez que não são raras as passagens em que essa população aloglota se manifesta em português em discurso direto. Longe de se pensar que se trate de transcrição da fala de usuários aloglotas do português, não se deve descartar a hipótese de que Fernão Mendes Pinto tivesse sensibilidade linguística suficientemente apurada para (a) ter consciência de traços linguísticos peculiares do português dessa população aloglota e (b) ter deliberadamente incluído alguns desses traços nas falas de seus personagens (reais ou fictícios). A caracterização de personagens por recursos linguísticos é prática bastante antiga, como no caso das peças de Plauto no séc. III a.C., e na produção literária do séc. XVI também era atestada, como no caso das peças de Gil Vicente, aspecto diligentemente tratado por Teyssier (1959). Segundo Silva Neto (1988, p. 503), Pinto era dotado de grande sensibilidade linguística:

Como Barros e Jorge Ferreira de Vasconcelos, seus maiores rivais, ele [i. e., *Fernão Mendes Pinto*] tinha intuição de *deriva* da língua portuguesa. A sua *consciência linguística* fá-lo superior ao tempo, concedendo-lhe uma prosa viva e forte, capaz de atravessar os séculos e capaz sempre de emocionar e comover. (Silva Neto, 1988, p. 503)

Um exemplo interessante na *Peregrinação* são os pronomes pessoais compostos (*nós outros* e *vós outros*). Há, na obra, 5 ocorrências do primeiro e 31 do segundo, estando elas presentes geralmente na fala de personagens não portugueses, o que sugere ser um traço linguístico dos falantes de português (como segunda ou primeira língua) fora da Europa (Cambráia, 2003):

Ella nos recebeo com muyta alegria, & nos disse: a vinda de *vos outros*, verdadeyros Christaõs, he ante mym agora taõ agradauel, & foy sempre tão desejada, & o he todas

as horas destes meus olhos que tenho no rosto, como o fresco jardim deseja o borrifo da noite, venhais embora, venhais embora, & seja em tão boa hora a vossa entrada nesta minha casa, como a da Raynha Ilena na terra santa de Ierusalem. (Pinto, 1614, cap. 4, f. 5ra, itálicos nossos; fala da Mãy do Preste Ioaõ na povoação de Fumbau na atual Etiópia, África)

[...] no<s> disse sorrindo-se como ministro do demonio que era, & cuydando que o teriamos nós na conta em que elle se tinha: ja que *vosoutros* por serdes estrangeyros, careceis da noticia desta verdade, folgaria q̃ me ouuisseis mais vezes, para saberdes o como Deos criou estas cousas, & quanto lhe todos deuemos pelo beneficio desta criação. (Pinto, 1614, cap. 164, f. 208ra, itálicos nossos; fala de um grepo no Reino Calaminhan no atual Laos, Ásia)

A existência de pronomes pessoais cuja base seria a forma composta em dialetos crioulos corrobora essa ideia: segundo Vasconcellos (1970, p. 138-139, 153 e 157), têm como fonte *vós outros* as formas *besôte* no crioulo do Cabo Verde, *vtutul* no crioulo de Ano Bom (Guiné Equatorial) e *usot* do dialeto norteiro (falado no norte da costa ocidental da Índia). Mas o reconhecimento desses traços linguísticos peculiares exige ainda um estudo particularizado confrontando o discurso direto de personagens não portugueses com o de personagens portugueses: pode haver sutilezas que escapam aos leitores modernos, mas seriam perceptíveis para os leitores da época.

Castro (1996) enumera alguns dos aspectos que considera mais caracterizadores do português clássico: (a) *a entrada do português na galáxia de Gutenberg*; (b) *o desenvolvimento da língua literária*; (c) *o uso do português como (meta)linguagem sobre si mesmo*; (d) *a sua padronização progressiva*; (e) *a expansão do português à escala mundial*; e (f) *a internacionalização do português*. Como os tópicos (c), (e) e (f) já foram abordados antes aqui nos temas *disciplina gramatical*, *expansão da língua* e *enriquecimento lexical* referidos por Spina, discutem-se a seguir sobre os três restantes.

A entrada do português na galáxia de Gutenberg se refere naturalmente ao fato de essa língua ter passado a circular em livro impresso. A faceta mais saliente em relação a este tópico está no fato de que o livro impresso possibilitou uma difusão em larga escala de padrões específicos, o que favorecia uma tendência à padronização. Enquanto, por quase toda a Idade Média, os livros manuscritos veiculavam padrões linguísticos sempre diferentes uns dos outros em função das conseqüentes modificações que ocorrem no processo de cópia manual, já mesmo no final da Idade Média⁷ apareceu a possibilidade um mesmo padrão linguístico ter circulação ampla em função dos diversos exemplares de uma mesma edição.

Em relação a este aspecto, a *Peregrinação* é especialmente interessante, porque foi uma obra muito difundida. Não há informação sobre quantos exemplares foram produzidos em cada edição⁸, mas há notícia de 16 edições integrais do séc. XVI ao XXI, sendo cinco apenas nos sécs. XVII e XVIII (Cambráia, 2023a): 1ª, 1614 (Lisboa, Pedro Craesbeeck); 2ª, 1678 (Lisboa, Antônio Craesbeeck); 3ª, 1711 (Lisboa, Joseph Lopes Ferreyra); 4ª, 1725 (Lisboa, Officina Ferreyriana); 5ª, 1762 (Lisboa, Joam de Aquino Bulhoens); 6ª, 1829 (Lisboa, Typographia Rollandiana); 7ª, 1908-10 (Lisboa, Livraria Ferreira); 8ª, 1931 (Vila Nova de Gaia, Cosmópolis); 9ª, 1944-45 (Porto, Portucalense); 10ª, 1952-53 (Lisboa/Rio de Janeiro, Sociedade de Intercâmbio Luso-Brasileira/Casa do Estudante); 11ª, 1961-84 (Lisboa, Sá da Costa); 12ª, 1971 (Lisboa, Afrodite); 13ª, 1975 (Lisboa, Amigos do Livro); 14ª, 1983 (Lisboa, Europa-América); 15ª, 1984 (Porto, Lello

7 A primeira obra impressa em língua portuguesa parece ter sido a tradução portuguesa d'*O Sacramental*, obra de Clemente Sánchez de Vercial (ca. 1370-1438) composta entre 1421 e 1423. A referida impressão foi realizada em 1488 na Cidade de Chaves no extremo norte de Portugal e está preservada em um único exemplar da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (cota CII-001,001). Disponível em: https://acervobndigital.bn.gov.br/sophia/index.asp?codigo_sophia=511.

8 Da edição *princeps* restam hoje, mais de 400 anos depois, apenas 57. Faria (1992, p. 42-43) registra 45 exemplares, dos quais se localizaram 32: muitos dos não localizados são os que, na época, estavam de posse de particulares. Wilkison (2018) registra 46, dos quais se localizaram 43: os 3 demais são, na verdade, registros em catálogos de leilão.

& Irmão); e 16ª, 2010 (Lisboa, Fundação Oriente/Imprensa Nacional-Casa da Moeda). Este dado atesta que os padrões linguísticos da *Peregrinação* tiveram condições materiais suficientes para circular e exercerem influência. Além disso, dado o grande interesse que o tema despertou na época, realizaram-se diversas traduções desde então (para o espanhol, o francês, o alemão, o inglês, o holandês, o italiano, o sueco, o tcheco e o romeno), o que intensificava a valorização da obra e, conseqüentemente, sua leitura e sua influência.

O desenvolvimento da língua literária significa certamente um processo de maior distanciamento entre língua falada, usada para finalidades práticas, e língua escrita, empregada para finalidades estéticas. Se, na Idade Média, a grande variação linguística que se constata nos textos literários seria decorrente da ausência da codificação formal de um padrão linguístico próprio para o fazer literário, já no período seguinte essa codificação começa a despontar com as descrições gramaticais e com a ampla difusão que certas obras atingem, como no caso d'*Os Lusíadas*.

No caso da *Peregrinação*, como já assinalado antes, parece tratar-se de uma prosa mais espontânea, no sentido de não ter havido uma preocupação sistemática de marcar linguisticamente a narrativa com um padrão diferenciado da fala. Na verdade, a narrativa parece estar efetivamente mais próxima da língua falada como assinala Casais Monteiro:

Se o leitor de hoje encontra dificuldade na leitura de Fernão Mendes Pinto, é em parte pelas mesmas razões que nos tornariam difícil dialogar com um homem do seu tempo; é que *ele partiu da língua falada*, e a sua narração, na própria enormidade dos períodos, até na frequente incorrecção sintática, é o monólogo do homem que se põe a contar, ao canto do lume, para encher serões intermináveis, todo o passado que lhe vem à memória. *Ele escreve como teria falado*, como porventura muitas vezes terá feito, perante vizinhos, perante amigos, perante

a família reunida à sua volta, todos desejosos de ouvir aquelas coisas maravilhosas e extraordinárias do «cabo do mundo». (Pinto, 1952-1953, v. 1, p. 8, grifos nossos).

Sendo assim, o aspecto propriamente literário da *Peregrinação* se encontra mais na narrativa, na cadeia de eventos, nas imagens, nos relatos de experiência, nas comparações, e menos em padrões linguísticos deliberadamente diferenciados. Silva Jr. e Andrade (1887, p. 531-532) classificam os estilos quanto à qualidade e ao ornato em *simples*, *temperado* e *sublime*, estando o primeiro, que consideram o preferido em livros didáticos e narrativas vulgares, dividido em *simples*, *natural* e *familiar*. Situam a *Peregrinação* na classe de natural, mas alertam que “A naturalidade não pôde vir desacompanhada de talento, de imaginação, e grande sensibilidade. Si assim não fôr cahe na puerilidade e chateza.” Esse juízo, por um lado, ressalta as qualidades do estilo do autor em questão (talento, imaginação e sensibilidade), mas também reitera que se trata de uma linguagem menos diferenciada formalmente, por isso, estilo natural.

A *padronização progressiva da língua portuguesa* significou uma redução na expressão da variação linguística na modalidade escrita, já que, na modalidade oral, sobretudo em estilo informal, a diversidade continua pujante. Embora se possa pensar no papel da gramatização nesse processo, é bem provável que tenha sido a imprensa o ator de maior peso, pela razão já assinalada (exposição em larga escala a padrões específicos).

Na *Peregrinação*, a variação linguística se manifesta de forma visível através da polimorfia vocabular (seja em termos puramente gráficos, seja em termos inclusive fônicos): cf. *Pegú* ~ *Pegû* ~ *Pegû* ~ *Pégû* ~ *Pégû* ~ *Pègû* ~ *Pêgû* ~ *Pèguu* ~ *Pêguu* ~ *Peguu* ~ *Pêguu* e *auantajado* ~ *auentejado*. Mas é possível reconhecer sim uma certa redução. Assim, p. ex., enquanto na tradução medieval portuguesa do *Livro de Isaac* presente na versão do códice alcobacense 461 (Cambaia, 2000a) se atestam variações como *deuaçom* ~ *deuoçom*

e *diuyna* ~ *deuynal* ~ *diuinal* ~ *diuynal* ~ *dyuynal*, já na *Peregrinação há apenas* *deuação* e *diuino(s)/diuina(s)*, respectivamente. Uma das motivações para essa redução é certamente a questão do número de agentes envolvidos na transmissão: textos medievais manuscritos eram transmitidos por ação de diversos agentes (uma cadeia secular de copistas de diferentes lugares e de diferentes épocas) e textos quinhentistas e seiscentistas impressos envolveriam um número menor de agentes (compositor tipográfico e, talvez, revisor).

Os últimos tópicos a serem discutidos são os colocados por Mattos e Silva (2001, p. 35), que dizem respeito: (a) à *produção do texto escrito*; (b) à *recepção do texto escrito*; (c) aos *novos mecanismos de controle do uso linguístico*; e (d) ao *alargamento do campo literário e à figura do autor*. Como o tópico (c) já foi abordado antes no tema *disciplina gramatical* referido por Spina, comentam-se apenas os três restantes.

No que se refere à produção, os textos medievais (i) eram de produção restrita, pois ficava sob a responsabilidade de escribas vinculados à Igreja ou à nobreza e circulava em pequeno número de cópias, (ii) não apresentavam **datação** e local de produção, dados que são geralmente inferidos por características paleográficas e linguísticas, e (iii) foram preservados apenas em cópias. Já nos quinhentos, houve uma ampliação, uma vez que a produção se expandiu para outras esferas, não estando os autores necessariamente ligados à Igreja ou à nobreza e circulou em número de cópias bem mais abundante em função da imprensa. Além disso, sobretudo os impressos indicavam com frequência data e local de produção (geralmente no colofão). Já quanto à questão de cópias frente a originais, é possível encontrar os originais de produção posterior à Idade Média⁹, embora quanto mais recente mais comum seja de se poder contar com eles.

9

O documento literário autógrafa mais antigo em língua portuguesa parece ser o cód. 3.355 da Biblioteca Nacional de Portugal com textos de Sá de Miranda (1481-1558) referido por Carolina Michaëlis de Vasconcelos (Vasconcellos, 1911).

No caso da *Peregrinação*, sabe-se muito mais da história do autor e do texto do que é comum saber-se em relação a textos medievais. O autor é Fernão Mendes Pinto, que não era religioso de formação (embora tenha feito parte da Companhia de Jesus entre 1554 e 1557). A data e o local de produção não são explicitamente informados na obra, mas dados textuais e extratextuais permitem recuperar com certa segurança esses pontos: a redação principal teria ocorrido entre 1568 e 1578 em Almada [perto de Lisboa], localidade onde passou a residir depois de seu retorno (Cabraia, 2000b; Cabraia, Cunha, 2023). No que se refere à questão dos originais, a situação não consistiu em avanço, pois os originais da *Peregrinação* **não** parecem ter sido preservados.

Quanto à recepção do texto escrito, na Idade Média, a língua do ensino era o latim, mas, a partir do séc. XVI, houve a laicização da cultura letrada e o português passou a ser a língua do ensino, com ampliação dos receptores da documentação escrita em português.

Disso decorre que se pode considerar que a *Peregrinação* terá tido a oportunidade de exercer influência linguística sobre um público mais amplo, pois a laicização significava que o domínio da leitura e da escrita transbordou para fora dos mosteiros e dos castelos. Não foi possível por ora fazer um rastreamento para identificar a natureza dos leitores da obra na época, mas sabe-se que teve grande repercussão, não apenas em função das diversas traduções que foram feitas já no séc. XVII, como também em referências à obra, como no caso de João de Lucena na *História da Vida do Padre Francisco Xavier*, que retoma o tema das cidades movediças tratadas por Pinto no cap. 98 (convém registrar que Lucena leu a obra de Pinto ainda nos originais, antes de publicação em 1614):

E d'aqui se entende aquella enima d'hun nosso Portugues, que entre outras cousas maravilhosas da China, affirmaua víra nella cidades situadas sobre agoa, q̃ se abalauam, &

mouiam todas as Lûas. (...) E porque estas feiras nam duram ordinariamête numa parte mais de quinze dias, & no cabo delles se vam fazer a outras, por isso as chamaua bem o autor do enima cidades sobre água e movediças. (Lucena, 1600, p. 864, itálicos nossos).

O último tópico diz respeito ao alargamento do campo literário e à figura do autor. Havia, na Idade Média, segundo Mattos e Silva (2001), um conjunto muito restrito de obras no campo literário (na prosa, p. ex., apenas narrativa ficcional, prosa religiosa e prosa historiográfica) e esse panorama se modificou com o florescimento de gêneros mais diversificados em língua portuguesa a partir da 1ª met. do séc. XVI, como é o caso da produção teatral de Gil Vicente (ca. 1465-ca. 1536), produzida entre 1502 e 1533, e, o que também é importante, com autoria particularizada (e não coletiva como na Idade Média).

Quanto a este tópico, a *Peregrinação*, por um lado, não representaria de todo uma grande inovação, uma vez que se trata de obra no gênero narrativo (já comum), mas com a especificidade de não se tratar de narrativas ficcionais (de cavalaria), historiográficas ou hagiográficas como na Idade Média, mas sim de narrativa de viagem, gênero que se consolidou em função das grandes navegações portuguesas a partir de fins do séc. XV. Essa diferença é bem evidente se se considera que o léxico dessas narrativas compreendia uma grande quantidade de palavras novas na língua portuguesa, sobretudo de empréstimos de línguas não europeias. **Não se pode deixar de mencionar que, por ser uma narrativa longa**, oferece material para pesquisa linguística nos mais diversos níveis, com especial referência ao sintático, sempre difícil de ser abordado em textos curtos. No que se refere à autoria, reconhece-se Fernão Mendes Pinto como seu autor, apesar de intervenções pontuais de Francisco de Andrade (1540-1614) como revisor (Cambraia, Cunha, 2023), situação muito diferente do que passava na Idade Média, com muitos textos de autoria desconhecida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, a *Peregrinação* como testemunho do português clássico:

- a) registra o enriquecimento lexical por que passou a língua portuguesa a partir das grandes navegações, **época em que se tornou uma língua internacional (com influência de várias origens)**;
- b) ainda não reflete a influência promovida pelo processo de gramatização a partir de meados do séc. XVI, registrando padrões linguísticos mais próximos do vernáculo;
- c) exerceu influência sobre a gramatização da língua portuguesa nas épocas que se seguiram, seja no âmbito lexicográfico, seja no âmbito gramatical;
- d) ainda não reflete a influência promovida pela intensificação com o contato com a cultura espanhola em função da União Ibérica (1580-1640) e do *Siglo de Oro* espanhol;
- e) registra as consequências da expansão da língua portuguesa em escala mundial (também em função das grandes navegações), que consistiram sobretudo na sua adoção por populações aloglotas não europeias;
- f) faz parte da **revolução** que significou a circulação de obras no formato de livro impresso a partir de fins do séc. XV, com a difusão de um mesmo conjunto de **padrões** linguísticos em larga escala;
- g) ainda não reflete claramente o desenvolvimento da língua literária que tomou vulto durante o séc. XVI, uma vez que compreende padrões linguísticos mais próximos do vernáculo do que

de uma língua deliberadamente diferenciada da falada com finalidade estética;

- h) documenta o processo de padronização progressiva da língua portuguesa que teve como principal motor o desenvolvimento da imprensa;
- i) reflete a inovação de a produção escrita ser feita por agentes não pertencentes apenas à Igreja ou à nobreza, circulando em grande número de cópias e com recuperação relativamente segura da data e do local de produção;
- j) documenta a ampliação da recepção do texto escrito, tendo sido referenciada por um público mais amplo; e
- k) reflete parcialmente o processo de ampliação do campo literário a partir das grandes navegações, que fizeram florescer o gênero de narrativa de viagens em língua portuguesa, mas com a especificidade de se tratar de obra de autoria particularizada.

Dadas essas características, entende-se por que a análise da linguagem da *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto, já há muito tempo, tinha sido recomendado por Silva Neto (1957, p. 341-341), que a considerava um “estudo urgente”.

REFERÊNCIAS

ANTT. **Documentos relativos a Soeiro Pais, Urraca Mendes, sua mulher, e a Paio Soares Romeu, seu segundo filho e Notícia de Fiadores.** Disponível em: <http://digitalr.arquivos.pt/details?id=4380613>. Acesso em: 07 abr. 2025.

AUROUX, S. **A revolução tecnológica da gramatização.** Campinas: Pontes, 1992.

BARROS, J. de. **Grammatica da lingua portuguesa.** Olyssipone : *apud* Lodouicum Rorigiu[m], Typographum, 1540. Disponível em: <https://purl.pt/12148>. Acesso em: 07 abr. 2025.

BARTOLI, M. **Introdução à neolinguística**: princípios – objetivos – métodos. Traduzido do italiano por César Cambraia e Evandro Landulfo Teixeira Paradela Cunha. Campinas: Mercado de Letras, 2024. Disponível em: <https://www.mercado-de-letras.com.br/livro-mway.php?codid=945>. Acesso em: 07 abr. 2025.

BECHARA, E. **As fases históricas da língua portuguesa**: tentativa de proposta de nova periodização. Tese (Concurso para Professor Titular de Língua Portuguesa). — Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1985.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 39. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

CAMBRAIA, C. N. **Livro de Isaac**: edição e glossário (cód. ALC 461). 2000. 753 f. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2000a.

CAMBRAIA, C. N. Contributo para uma gramática do português clássico: a linguagem da *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto. In: CONGRESSO NACIONAL DA ABRALIN, II, Florianópolis, 25 a 27 de fevereiro, 1999. **Anais...** Florianópolis: Abralín, 2000b. p. 1355-1362. 1 CD-ROM.

CAMBRAIA, C. N. Mudança interrompida na história do português: *nós outros* e *vós outros*. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, II, Fortaleza, 13 a 16 de março, 2001. **Anais...** Fortaleza: UFC, 2003. v. 2, p. 112-114. Disponível em: https://abralin.org/wp-content/uploads/2020/03/ABRALIN_26.pdf. Acesso em: 07 abr. 2025.

CAMBRAIA, C. N. Editometria: mensurando conjecturas nas edições da *Peregrinação*. **Filologia e Linguística Portuguesa**, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 9-30, 2023a. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v25i1p9-30>. Acesso em: 07 abr. 2025.

CAMBRAIA, C. N. Fernão Mendes Pinto na gramática histórica de Said Ali. **Revista do GEL**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 135-159, 2023b. <https://doi.org/10.21165/gel.v20i1.3493>. Acesso em: 07 abr. 2025.

CAMBRAIA, C. N.; CUNHA, E. L. T. P. Atribuição de autoria em discussão: o caso dos títulos dos capítulos da *Peregrinação*. **Confluência**, Rio de Janeiro, v. 64, p. 65-130, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.18364/rc.2023n64.1311>. Acesso em: 07 abr. 2025.

CAMÕES, L. V. de. **Os Lusíadas**. Lisboa: em casa de Antonio Gôçalvez, 1572. Disponível em: <https://purl.pt/1>. Acesso em: 07 abr. 2025.

CASTRO, I. Para uma história do português clássico. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE O PORTUGUÊS, **Actas...** Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, 1996. Vol. II, p. 135-150. Disponível em: https://clul.ulisboa.pt/files/ivo_castro/1996_Portugus_Clssico.pdf. Acesso em: 07 abr. 2025.

CUESTA, P. V.; LUZ, M. A. M. da. **Gramática portuguesa**. Madrid: Gredos, 1949. [Trad. port.: **Gramática da língua portuguesa**. São Paulo: Martins Fontes, 1980]

CUESTA, P. V. **La lengua y la cultura portuguesas en el siglo del Quijote**. Madrid: Espasa-Calpe, 1986. [Trad. port.: **A língua e a cultura portuguesas no tempo dos Filipes**. Mem Martins: Europa-América, 1988]

FARIA, F. L. de. **As muitas edições da “Peregrinação” de Fernão Mendes Pinto**. Lisboa: Academia Portuguesa da História, 1992.

FIGUEIREDO, C. de. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Nova edição. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1913. 2 v. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=J38_AQAIAAJ. Acesso em: 07 abr. 2025.

LUCENA, J. de. **Historia da vida do padre Francisco Xavier**. Lisboa: Pedro Crasbeeck, 1600. Disponível em: <https://purl.pt/14775>. Acesso em: 07 abr. 2025.

MATTOS E SILVA, R. V. Reconfigurações socioculturais e lingüísticas no Portugal de quinhentos em comparação com o período arcaico. **Alfa: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 45, p. 33-47, 2001. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4184>. Acesso em: 07 abr. 2025.

MOISÉS, M. **A literatura portuguesa**. 11. ed. São Paulo: Cultrix, 1973.

PINTO, F. M. **Peregrinaçam de Fernam Mendez Pinto** [...]. Lisboa: Pedro Crasbeeck, 1614. Disponível em: <http://data.onb.ac.at/rep/104A70DB>. Acesso em: 07 abr. 2025.

PINTO, F. M. **Peregrinaçam = Peregrinação**. Versão integral em português moderno por Adolfo Casais Monteiro. Lisboa; Rio de Janeiro: Sociedade de Intercâmbio Cultural Luso-Brasileiro; Casa do Estudante do Brasil, 1952-1953. 2 v. Disponível em: <http://purl.pt/26736>. Acesso em: 07 abr. 2025.

SPINA, S. **História da língua portuguesa**: III. segunda metade do século XVI e século XVII. São Paulo: Ática, 1987.

SILVA JUNIOR, M. P. da; ANDRADE, L. de. **Noções de grammatica portugueza de accordo com o programma official para os exames geraes preparatorios do corrente anno**. Rio de Janeiro: J. G. Azevedo, 1887. Disponível em: <https://archive.org/details/noesdegramma00pachuoft>. Acesso em: 07 abr. 2025.

SILVA NETO, S. da. **Manual de filologia portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1957.

SILVA NETO, S. da. **História da língua portuguesa**. 5. ed. Rio de Janeiro / Brasília: Presença / Instituto Nacional do Livro, 1988.

TEYSSIER, P. **La langue de Gil Vicente**. Paris: C. Klincksieck, 1959.

VASCONCELLOS, J. L. de. **Esquisse d'une dialectologie portugaise**. 2. ed. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, 1970. Disponível em: <https://purl.pt/160>. Acesso em: 07 abr. 2025.

VASCONCELLOS, C. M. **Novos estudos sobre Sá de Miranda**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1911 (Separata do Boletim da Segunda Classe da Academia das Ciências de Lisboa, v. 5). Disponível em: <https://archive.org/details/novosestudossb00vascuoft>. Acesso em: 07 abr. 2025.

WILKISON, A. (Coord.) **Iberian Books**. Dublin: University College Dublin, 2018. Disponível em: <http://n2t.net/ark:/87925/drs1.iberian.43283>. Acesso em: 07 abr. 2025.

César Nardelli Cambraia

Doutor em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (2000), professor titular de Filologia Românica na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, bolsista de Produtividade em Pesquisa 1-D do CNPq.

E-mail: nardelli@ufmg.br